

O BATE ESTRADAS

Informativo do NANAMUE

Grupo Nacala-Nampula-Mueda & Outros

Nº 34 Ano 5 Agosto / Setembro 2008



**ALMOÇO CONVÍVIO
VISEU
27/09/2008**

EDITORIAL

MAIS UM COMVIVIO EXCELENTE EM FATIMA, no qual após uma visita ao Santuário, com a sua nova catedral, nos reunimos para um almoço e convívio que mais uma vez cimentou esta extraordinária amizade e sã convivência entre os NANAMUES e seus Familiares que neste momento já são uma e só FAMILIA, o motivo do nosso orgulho e que nos faz cada vez mais lutar para que o nosso GRUPO, seja uma realidade firme dentro da vida de todos.

Um enorme OBRIGADO ao XICO SERRA que com a sua arte para pintar e mostrar nessas obras, momentos da nossa vida em Africa, ainda nos facultou um quadro lindíssimo para sortear o qual muito ajudou as nossas finanças. Pelo teu espírito NANAMUE e pela tua sempre querida presença, um ENORME abraço desta Organização que ama a amizade com que nos distingues.

Daqui vai um ABRAÇO de muito obrigado ao Zé Vasco, que mesmo nunca estando em Cabo Delgado é um NANAMUE do coração e fez o enorme favor de oferecer os selos de correio, para enviar a nossa correspondência. O nosso amor por ti Zé, e NANAMUE sempre.

Vamos a mais um convívio e mais uma jornada de amizade que esperamos seja um laço que cada vez uma mais esta FAMILIA NANAMUE. Ser Nanamue, não é só por ter estado em Nacala, Nampula e Mueda, ser Nanamue é muito, muito mais do que isso. É inexplicável, é mesmo ser NANAMUE, sempre.

O GUARDA DO COFRE

E vamos tentando todo o possível para que a porta não fique cerrada, apesar de todo o empenho da rapaziada especialmente (Zé Vasco e Xico Serra) e como se pode ver muita gente comprou diversos brindes e deu para os selos. Vamos lá mais uma vez a tentar que a coisa vá. Abraço para todos.

Movimento	Receita	Despesa	Saldo
Saldo Anterior			-425,60 NEGATIVO
Almoços 53 x 35,00	1.855,00		
Almoços 61 x 30,00	1.830,00		
Quadro	250,00		
Selos, pratos e livros	465,00		
Camioneta Norte		650,00	
Camioneta Sul		600,00	
114 almoços		2.736,00	
Tipografia		140,00	
Selos CTT – Oferta Zé Vasco			
Novo Saldo			-151,60 NEGATIVO

GRANDE CONVIVIO EM VISEU QUINTA DOS COMPADRES

ALMOÇO CONVIVIO EM VISEU QUINTA DOS COMPADRES ONDE TEMOS SIDO SEMPRE BEM RECEBIDOS E ESTAREMOS EM FORÇA.

SAIDA DA PORTA PRINCIPAL DA FEIRA POPULAR DE LISBOA, PELAS 7.30 HORAS, COM PASSAGEM EM VILA FRANCA DE XIRA, TORRES NOVAS, SANTAREM E LEIRIA € 40.00 P/PESSOA
CONTACTO LUIS HENRIQUE 214194404 969098297

SAIDA DE ESPOSENDE PELAS 8.00 HORAS, COM PASSAGEM NO PORTO E COIMBRA € 40.00 P/PESSOA
CONTACTO MANUEL FERREIRA 966780711

DESLOCAÇÃO EM TRANSPORTE PROPRIO € 35.00 P/PESSOA
CONTACTO LUIS HENRIQUE 214194404 969098297

A MAQUINA DO TEMPO

ZÉ,

Não morreste na cama mas morreste entre lençóis de metal horrivelmente amachucados na auto-estrada de Cascais para Lisboa e a gente ali, diante do teu caixão, tão tristes. Eras meu camarada, que é uma palavra da qual só quem esteve na guerra compreende inteiramente o sentido: não é bem irmão, não é bem amigo, não é bem companheiro, não é bem cúmplice, é uma mistura disto tudo com raiva e esperança e desespero e medo e alegria e revolta e coragem e indignação e espanto, é uma mistura disto tudo com lágrimas escondidas.

Andaste à pancada com o inspetor da Pide para defender os soldados, e pelo facto de ele ter recusado colocar os seus mercenários no rebenta minas sentaste tu ao lado do condutor. Quando a mina rebentou bateste o recorde do mundo do salto em cumprimento e do salto em altura, os dois ao mesmo tempo, que não foram homologados por terem sido feitos com a ajuda de uma explosão favorável. Andei às voltas com o teu pé em papas e sobreviveste, mas África ficou para sempre dentro de ti, a roer-te, a roer-te, e deu-te cabo da vida. Como oficial e como combatente eras duro mas o teu pelotão adorava-te. Tinhas um ascendente natural sobre os subordinados, que sempre defendeste com uma intransigência absoluta. Eras corajoso. Eras terno. E, meu malandro, eras bonito que te fartavas, foste sempre bonito. Usavas o quico no alto da cabeça, como se não te pertencesse, e quando ia visitar-te ao teu destacamento era uma festa de abraços debaixo daqueles

eucaliptos enormes, onde se habitava em condições miseráveis, porque quem mandava em Luanda estava-se nas tintas para nós: bem se ralavam com a nossa sorte e a gente rodeados de inimigos e cães.

Nunca discutimos porque era impossível discutir contigo: tinhas uma maneira irresistível de te fazer perdoar e eras, apesar de duro, de uma infinita bondade, generoso e doce. Sempre me surpreendeu como estes sentimentos, tão contraditórios, coexistiam harmoniosamente em ti. Passaste meses isolado por independência de espírito e desejo de liberdade, onde a garra tonta do comandante não podia alcançar-te. E depois a mina. E depois o resto. E depois a serena valentia com que aguentaste tudo. Os eucaliptos do Cassa, meu Deus. A raiva. Os soldados de tronco nu com a G3 no braço. Lembrei-me tanto disto agora ao lembrar-me, entre lágrimas, de ti. Até os lençóis de metal te destruirmos almoçávamos de quinze em quinze dias e chagavas sempre primeiro com o teu sorriso, o enrolar dos teus cigarros e a dignidade de um imenso sofrimento íntimo de que não falavas nunca, que tentavas não mostrar a ninguém mas que nós, oficiais teus camaradas, entendíamos dolorosamente, o Nini, o Boaventura, o Zé Luís, tão duros como tu e da mesma coragem sem vaidade. Graças a Deus que tive companheiros como vocês, que tenho companheiros como vocês. E tu foste para nós um eterno motivo de preocupação porque uma parte tua havia desistido de viver (apesar do sorriso) e outra se ia destruindo lentamente. Não conheço uma única pessoa que tenha passado por aquele horror na qual não exista uma parte que se mata devagar, em silêncio, numa discricção pungente que apenas os que passaram por aquilo sabem reconhecer. Mas, juntos nos nossos almoços, somos alegres, partilhando a felicidade de estarmos juntos e separando-nos a contra gosto porque as pessoas têm de trabalhar, não é, porque não somos ricos, não é, por isto por aquilo. Marcamos o novo almoço e afastamos uns dos outros como quem rasga bocados de si mesmo. Zé, eu não sei muito bem o que dizer agora. Sei que não queria que a tua morte tivesse acontecido. Que sinto a tua falta. Que continuo a ver-te chegar ao aviãozeco para me receberes, com uma forma de pegar na arma que nunca notei em mais ninguém como se a G3 nas tuas mãos fosse uma coisa maleável e doce, com não sei quê de mulher. E os eucaliptos por cima de nós falando, falando. E o rio. E o cheiro da terra. E o teu braço a acenar. O teu irmão pediu que falasse na Basílica, junto ao caixão. E eu com tudo isso dentro de mim, a gaguejar. De repente a certeza de ter voltado anos atrás e nós, quase meninos julgando-nos homens, nas Terras do Fim do Mundo, desamparados, a marcarmos cruzinhas nos calendários a cada dia que passava. Lembro-me do Ernesto Melo Antunes, quando morreu o primeiro soldado da sua companhia, me dizer com uma expressão que ficou gravada em mim a fogo – Tinha jurado a mim mesmo que os levava a todos de volta - e não era possível, Ernesto, e mesmo que fosse possível metade de nós ficou lá para sempre: a nossa juventude, os nossos projectos, a nossa alma manchada de sangue e de terra. Não vou descrever horrores, não vou contar nada. Não é possível.

Não consigo. Era um fardo pavoroso. (perdão é um fardo pavoroso) que continuamos a carregar juntos e falta-nos o teu ombro para nos ajudares a aguentar aquilo. É difícil prosseguir sem ti, nosso irmão, nosso amigo, nosso companheiro, nosso cúmplice: nosso camarada. Havia entre nós a intimidade única da dor partilhada. Eras um dos nossos e cada um de nós, um dos teus. Lençóis de metal horrivelmente amachucados na auto-estrada de Cascais para Lisboa e o nosso camarada lá dentro. Ao telefonarem-me a dizer o que tinha acontecido gritei – Não – eu que quase não grito. Custa a ideia de habituar-me a não tornar a ver-te, os teus cigarros enrolados, o teu sorriso. E no entanto é isso que melhor guardo de ti, que guardarei de ti: o teu sorriso. Esse ficará para sempre comigo, para sempre connosco. Boaventura, Nini, Zé Luis: somos só quatro já. Mas o teu sorriso há-de continuar e podemos estender as mãos para ele, a aquecer-nos quando houver muito frio. E desde que morreste palavra de honra que há muito frio. Tem paciência, Zé: faz lá um sorriso para a gente.

Antonio Lobo Antunes
in “A Visão”

LIVRO DE VISITAS NANAMUE

2684. **joaquim horacio junça mma 3ª 6** - 2008-05-03 11:03:55

olá pessoal , amigo Vera em particular quero expressar a minha simpatia e o desejo que já tenhas recuperado pelo menos em parte substancial as perdas sofridas pelas cheias , na tua casa eu também fui contemplado, mas nada em especial foi de pouca monta .Agora mais uma memória.... Certa manhã,...praia de Fernão Veloso junto à prancha flutuante dos paras o amigo Orlando dos Santos Fernandes resolve acompanhar muá e mais dois companheiros numa tirada de natação desde essa referida prancha até á praia, onde normalmente se banhavam as famílias dos paras O Santos diz, ò Junca, acompanha-me porque eu não sei nadar muito bem, OK, lá fomos acompanhando o nosso camarada, quando vejo uma barbatana dorsal dum golfinho logo por mim reconhecido. (Algum tempo antes tinha sido apanhado um grande tubarão tigre nessa zona), digo para o Santos é pá santos vamos nadar para terra em pouquinho mais depressa! (com algum ênfase) claro que o nosso amigo ficou sobressaltado, disse-lhe para ter calma e olhar para o lado contrário donde eu estava, ele viu a barbatana e o sopro do bicho, e pasmem companheiros mal sabendo nadar o Santos foi o primeiro a chegar á praia!!! Longe vai o tempo... um abraço amigo

Orlando Santos

2702. **Xico Serra (3.ª/66)-Melec** - 2008-05-05 18:42:45

Acabo de ver o DVD com o 2.º episódio da Guerra do Ultramar com o título "Andar Rápido e em Força, que está a retratar o que se passou em África. Nele vi o Gen. Kaulza de Arriaga que mais tarde vem chefiar os militares em Moçambique. Não sei quantas vezes estive em Mueda, mas lembro-me de uma dessas chegadas ao AM 51 no seu Dakota. Depois de receber os cumprimentos das chefias militares de Cabo Delgado que se encontravam junto à porta do avião, dirigiu-se ao grupo de mirones, nem mais nem menos que alguns Zés Especiais, estrategicamente encostados aos bidões que separavam a placa da zona das camaratas. Quando nos apercebemos que o General se dirigia para nós ficámos à rasca, tal era o nosso aspecto. Se o normal era usarmos a nossa farda, também com ela se misturava peças de outras guerras como camuflado dos páras, comandos ou ainda dos rodesianos, que de quando em vez por lá apareciam. Botas e farda da Frelimo ou dos páras era apanhá-las. Quando não era sapato de pala e blue jeans e camisa amarela da FA. Cabelo e barba por cortar. Só eu estive 5 meses sem cortar o cabelo. Autênticos trajes de folclore. Ora como já não dava para discretamente darmos à sola, levantámo-nos e qual não é o nosso espanto, cordialmente apertou-nos o bacalhau, encetou breve conversa em jeito de cumprimento, perguntou-nos de tudo estava bem connosco e no pequeno blá blá que nos pareceu horas, até se sentou na sua bengala, para de seguida rumar para os lados do exército, onde iria reunir-se com as ditas chefias, certamente. Ficámos a pensar no que tínhamos acabado de viver, sem sequer ter havido o mais pequeno reparo ao nosso aspecto pouco militar. O gesto seria um breve reconhecimento pelo trabalho exercido por todos nós na única base da força aérea em Cabo Delgado? Como a única base da Força Aérea naquela zona do norte de Moçambique o AM 51 era por si só um alvo apetecido do inimigo, sempre desejoso por abatê-lo. Especialistas, quantos éramos? Sem querer errar, penso que rondávamos 17 alminhas. E o trabalho fazia-se com eficácia. Nada Podia falhar. Ou não era assim?

X.Serra

2703. **Ferreira Teixeira** - 2008-05-05 18:59:43

Luis Corado,

Quando ouvires o " TANGO TOUREIRO " tema tão sublime, tocado pela famosa orquestra de Madrid, e cujo ensaios pela nossa banda estão decorrendo, afim de fazer parte do nosso repertório, não para corridas, mas sim para concertos e algo mais, então sim, penso que e de ficar extasiado, dada a beleza da sua musicalidade. Vou tentar incluído no nosso link, afim de todos os Nanamue o possam escutar. Permitam-me uma observação eu sei que nada desta conversa se relaciona com o objectivo do nosso site, mas dada a minha actual missão em dirigir uma colectividade em que a componente principal e a cultura na sua expressão musical como banda filarmónica, escola de música, formação musical e piano para qualquer idade e ainda grupo coral, me entusiasma muito. Naturalmente não posso nem consigo esquecer os anos de força aérea que apesar de não serem muitos, contribuíram com os seus ensinamentos para me tornar uma das pessoas mais habilitadas no mercado de trabalho na área de electrónica industrial, se a tudo isto se somarem os imensos cursos de CNC. tirados em vários países da Europa. Lembro-me muito dos 27 meses passados no Norte de Moçambique comungo de muitas realidades comentadas e descritas por vários Nanamue onde eu também participei, acompanhei e vivi momentos de alegria misturados com outros menos bons, partilho das apreensões de muitos Nanamue, fui como muitos de nós vítima de muitos sustos e pesadelos, queda com T6 em Mueda quando era transportado para Nacala, morteiradas em Nangade e Mueda, missões em Tenente Valadim, Mucojo; Quiteraje, Macomia, com o saudoso Quintela, Marrupa etc., para não falar dos imensos sustos no P2V-5 como o motor parado 3,5 horas sobre o Mar e bombardeado na Guiné, enfim coisas que já La vão e que a maioria de nós não ignora. Para todos os Nanamue os tiverem a paciência de lerem estas linhas desculpem qualquer coisinha foi um momento descomplexado. Para todos os Nanamue um grande abraço Ferreira Teixeira

2704. **joão silva** - 2008-05-05 19:36:38

vai mais um episódio triste da guerra em Moçambique, no distrito de Vila Cabral, onde faleceu o comandante da Esqª 503 Cap."Castelo" e onde ficou gravemente ferido o Fur. marme "Vaz de Carvalho"atirador de heli-canhão; era uma operação de largada de pessoal do exército a partir de Ten.Valadim para a zona da serra cortada, feita

em várias levadas com os helicópteros destacados para essa missão, recordo-me que os pilotos que estavam nessa operação eram o Fur. Soares"Chaparro" e o 1ºCb J. Silva "Zé Grande" e o 1ºCb "Mendes" e acho que o 1ºCb "Abdul" e mais que agora não me ocorre, bem como os atiradores de helicóptero 1ºCb marme "Zé Luís" e Fur. marme "Vaz de Carvalho" os pilotos penso que seria "o Azevedo" e "Barbosa" e mais de quem não me recordo para poder os mencionar; entre uma das levadas de tropa ficou na zona o helicóptero tripulado pelo Cap. Castelo e o atirador Vaz de Carvalho que em outra altura já tinham sido abanados na zona para desta vez oferecerem aos turras mais umas prendas de 20mm do canhão, só que algo correu mal durante o tempo de ida para levar mais tropa para o local, de repente deixou-se de ficar em contacto via rádio da tripulação do helicóptero, logo se apercebeu que algo de mal se estava a passar, depressa se embarca nos helicópteros mais tropa, e sai o helicóptero com o piloto que não me recordo quem era e 2 mecânicos "Zé Grande" que operava o guincho e o "Mendes" apesar do furriel "Soares" (Chaparro) também querer ir. Ao passarmos sobre a serra cortada numa encosta detectamos o que não queríamos acreditar o helicóptero tinha sido abanado e caiu pela escarpa da serra levando tudo, ao fazermos voo estacionário por cima deparamos com o quadro mais difícil, já havia alguma tropa a fazer protecção na zona envolvente, desço pelo guincho o "Mendes", onde o "Vaz de Carvalho" estava por baixo do canhão, todo partido e havia que tentá-lo retirar sem lhe fazer mais lesões e tentá-lo içar para o evacuar assim como aconteceu para o hospital, o Cap. Castelo estava debruçado sobre o manche já sem vida, foi içado e depois evacuado. Esta é a história triste de uma operação das muitas que foram efectuadas quer pelos pilotos e mecânicos em que "os índios" estiveram envolvidos e que teve um desfecho um pouco triste para a esquadra. para o Cap. Castelo que descanse em paz e será sempre recordado, para o Vaz de Carvalho apesar das mazelas cá nos vamos encontrando nos convívios por aí. Um abraço João Silva (Zé Grande)

2705. **Abdul** - 2008-05-05 20:04:38

Confirmando o que o meu Amigo Zé Grande escreveu e para continuar a enviar partes das minhas memórias aí vai a...

Era mais uma evacuação tínhamos de ir ao mato com o Daniel Roxo buscar um ferido, quando chegamos ao local, era um ferido e um morto mais tarde soube que a milícia do Roxo tinha entrado num acampamento IN e a baixa tinha sido por causa de uma armadilha, tinham metido uma granada por baixo de uma camisa que estava presa a uma árvore esse soldado viu a camisa, puxou e BUMMM...

Março de 1974 depois de um voo e de preparar o helicóptero para nova missão, saímos para jantar (eu o Zé Grande, Barbosa e o Azevedo) como era o nosso costume, íamos à cidade ao restaurante Miralago comer o "Frango à Miralago", beber tinto e ir ao cinema. O mesmo filme era projectado durante uma semana e como todos os dias íamos ao cinema era um fartote. "A mania das grandezas" cujo actor era o Luí de Funés " era para a desgraça até entrávamos a marchar. Era um gozo era bom descomprimos a tensão depois de um dia de voo.

Numa dessas noites estava eu a dormir e comecei a sonhar que estava na placa do A.M. de Vila Cabral e ouvia o som do helicóptero a bater das pás mas não o via de repente oiço uma explosão e não oiço mais nada. Acordo a transpirar e cheio de medo com o coração a bater muito depressa.

Acabei por sossegar e dizer para mim que era um sonho, não comentei com ninguém e deixei andar tinha sido um sonho. Consegui adormecer horas mais tarde.

Passado tempos, fazemos uma nova operação em Tenente Valadim pois a zona de ataque era numa zona chamada Serra Cortada aonde o IN estava. Dou saída ao helicóptero que era pilotado pelo Cap. Castelo e levava como atirador o Sarg. V. Carvalho (o sonho vem-me à memória) durante a largada o helicóptero - canhão dava protecção à tropa e aos helicópteros como tal tinham de se meter no fogo do IN. O helicóptero é atingido, ao retirar o atirador, sinto o cheiro de pólvora e carne queimada é um cheiro característico, penso de imediato o Vaz foi atingido ele queixa-se de uma perna, foi evacuado para Nampula. Finda a operação voltamos para Vila Cabral.

Há uma nova operação em Niassa, quando soube que a mesma ia ser repetida e era para o mesmo local, preparei tudo que era necessário para a operação, óleos, massas, macas e ferramentas para a nova operação. Chegam 4 helicópteros e no dia seguinte, partimos para as novas operações para a Serra Cortada entretanto surge o mau tempo e acabamos por ficar no aquartelamento em Tenente Valadim aonde já estávamos. Enquanto aguardávamos que o mau tempo levantasse, ficamos a jogar às cartas então o que eu gostava à LERPA, não recordo de todos os jogadores era eu, o Mendonça, o Manel da milícia do Roxo, sei que estava a perder muito dinheiro até à hora do jantar, depois de bem comer e beber, regressamos às cartas nessa altura, a minha sorte tinha mudado, comecei a ganhar e a pagar, o dever não era comigo. Consegui ter um saldo positivo à meia-noite acaba-se o jogo não perdi também não ganhei muito ficamos todos satisfeitos aguardávamos o dia seguinte. Seis horas da manhã já estávamos no refeitório a tomar o pequeno almoço e fomos para a pista preparar os helicópteros e os T6, foi uma noite dormida no chão e em cima de um colchão

As minhas máquinas eram o canhão e um transporte que estavam em Vila Cabral, começo por dar saída ao canhão que era pilotado por Cap. Fernando Castelo e o atirador era o V. Carvalho pensei que ia haver vingança da operação passada. Fizemos a inspecção antes de voo, depois de darmos a volta à máquina o capitão senta-se e coloca o cinto de segurança e eu verifico e bloqueio o cinto, digo que o cinto não estava bloqueado o capitão faz um sorriso e pisca o olho desbloqueia como quem diz que está tudo bem. Largo o helicóptero depois de ver se tinha fugas quer de óleo quer de combustível como estava tudo bem, por sinais digo ao Castelo que estava tudo bem e vou para outro helicóptero e faço as mesmas operações dou o ok.

O helicóptero do Castelo, é o 1º a descolar, depois vão todos os outros quando o último descola, ao ouvir o som dos helicópteros, recordo-me do sonho que tinha tido. Passados minutos, aterriza um helicóptero a dizer que o Capitão tinha sido abatido eu não acredito afinal o sonho estava a realizar-se. Sou dos primeiros a querer ir para o local da queda,

não deixam vai um outro mecânico (Mendes) que é largado no local da queda e retiram o atirador mais uma vez ferido e o corpo do Capitão.

Retiro o corpo do Capitão a maca é colocada no solo olho para o corpo, só se ouve os barulhos dos helicópteros e dos aviões no ar o vento sopra e agita a ponta dos bigodes do Capitão fico a olhar um fio de sangue seco no canto da boca. Uma raiva de revolta surge em mim penso em tudo, quero vingança o meu Capitão está estendido numa maca e morto MALDITOS isso não vai ficar assim penso eu mas tudo não estava nas minhas mãos...

Começo a voar com pistola e a minha metralhadora uma Pepshaware (arma capturada ao IN). Passado poucos dias, devolvo a pistola pois só me incomodava preferia ter a metralhadora...

2716. **Ferreira Teixeira** - 2008-05-06 15:56:53

Não gostaria mas tenho que começar pelas anos 60, depois de bons serviços prestados na manutenção dos PV2, somos seleccionados dois cabos especialistas eu e o Eugénio r/t para frequentar o curso dos futuros aviões P2V5 na Holanda, uma das razões muito forte que me levou a continuar mais uns anos na FA .Foram 6 meses maravilhosos para um jovem de 20 anos com ajudas de custo e tudo pago. O curso para mim foi muito acessível os voos de longo alcance e que eram muito chatos 16 horas, onde tínhamos que cozinhar, também os treinos de tiro se tornaram maçadores pelo picadas e a invasão do cheiro a pólvora no seu interior, mas acabou com aproveitamento e preparado para todas as missões de guerra quero notar que nestas maquinas fiz quais 2000 mil horas de voo .

Este foi o prefacio das futuras acções em África para alem da celebre missão da procura do Santa Maria que nos levou até Cabo Verde e posteriormente a terras brasileiras sem podermos aterrar pois íamos armados, que nos levou a retornar a ilha do Sal chegando com 25 minutos de gasolina e o radar com problemas.

Integrado numa tripulação para território africano onde a nossa missão sempre rodeada de muito secretíssimo era em voo que sabíamos onde íamos, normalmente de noite a apagar fogueiras, as vezes viam-se umas tracejantes a roçar a fuselagem, mas houve uma missão que nunca poderei esquecer, sucede que num lançamento de 28 bombas uma das bombas ficou pendurada numa das portas do porta bombas perfurando-a possivelmente lançada com o avião a circular, depois de muitas tentativas para a retirar e depois de se ter efectuado varias manobras com o avião no ar, a ordem era não poder aterrar o avião com a bomba nessa situação pois o perigo de rebentamento era grande. Só havia uma solução um voluntário para a ir libertar no ao porta bombas, com as portas o mais possível fechadas, pois era de todo impossível fechadas totalmente, e meus senhores quem foi o voluntário o mais medroso se calhar da ocasião Ferreira Teixeira e o especialista de MMA de seu nome Hilário mais tarde foi para a TAP. e assim foi com uma corda a cintura deslizando pé ante pé ate chegar a celebre bomba pegando nela como um objecto muito delicado não sentindo o seu peso de 100 libras recuando ate ao Hilário que se encontrava no poço do radar, mandando abrir a totalidade das portas e ai vai ela para o mar, juntamente com todo o nosso receio, regressando a base de forma serena mas conscientes do perigo iminente que todos tínhamos passado. Nanamue queriam episódios passados em África não são muito do meu gosto recordados mas como me aconselharam aqui está bem espelhado um ou dois de vários, um forte abraço para todos.

Ferreira Teixeira

2718. **João Mota (1/65)-melec** - 2008-05-06 18:45:15

NACALA-anos de 66/67

A rapaziada jogava á lerpa no armazém de abastecimentos e a mesa era um caixote com madeira nova e com umas referencias que ninguém conhecia.

Entra o Lacerda (Joaquim António DE Almeida Correia DE Lacerda que como responsável pelo armazém (CABO ESP DE ABAST) nos avisa.

cuidado não batam com força se não acordam o gajo.

Pedimos explicações ao Lacerda e ele informou que o local onde estávamos sentados e jogar era uma urna que aguardava embarque no NIASSA---HISTÓRIAS TRISTES MAS REAIS.

Um abraço, J Mota (918967778

2719. **joão silva** - 2008-05-06 20:46:26

Para desfazer um pouco a confusão que vai nessas cabeças da pseudo Enf. Pára."Cinha" como o Abdul diz e muito bem ela tinha saltado de pára-quadras e por vezes queria saltar de heli ou para o figurino aparecer nas crónicas da altura.

Enf. Páras sim mas fap e aqui fica a homenagem daquelas com quem fiz algumas evacuações 1ªSarg"Mariana", 1ªSarg "Aurelinda" (Linda), Alf. "Rosa" dar a seu empenho nas zonas operacionais de cabo delgado nas evacuações de zero horas que era o estado mais grave a nível de evacuação de feridos, onde se iam buscar ao hospital de Mueda de heli ,onde por vezes ainda vinham a vestir o seu camuflado e com a mala socorros na mão ,porque era q primeira evacuação ás primeiras da manhã, pois havia necessidade de sair o mais rápido porque numa picada uma mina uma emboscada ou num aquartelamento foi atacado, e havia feridos graves tendo necessidade de serem socorridos o mais depressa para o hospital de mike delta, e depois nalguns casos para os hospitais principais ou até mesmo para a metrópole. de qualquer maneira deixo aqui o verdadeiro agradecimento as estas bravas Enf. Parás e outras que por esse ultramar passaram.

Um abraço João silva (Zé grande)

2766. **Victor Barata** - 2008-05-13 14:02:00

Boa-Tarde, Companheiros!

Mais uma vez entrei neste interessante espaço, muito bem condicionado, pois vai-nos proporcionando grandes oportunidades de visualizar, através de fotos expostas, camaradas que deixamos de ver à muitos anos, assim

como manter o diálogo.

Vi nas fotos do vosso último encontro, no Casalinho, a foto nº21 e ficava agradecido a quem me possa informar se o Companheiro da Esqª (camisa riscada) é o José de Jesus Marques de Carvalho, 1549/69 (O Dentinho). Deixei de o ver depois da Especialidade, em 1970, e nunca mais o tornei a ver, apesar de o ter procurado por diversas vias. Obrigado desde já a quem me poder dar esta informação e se for ele, o contacto.

Saudações ESPECIAIS. Victor Barata

2767. **Pereira Afonso M/Rádio 2ª/64** - 2008-05-13 14:56:13

Caros NANAMUE's - estive a pôr a leitura das mensagens em dia, já havia mais de quinze dias que não entrava na net por falta de tempo, e vocês deram-lhe duro. Eu não escrevo muitas mensagens, mas sempre que posso leio a correspondência trocada para estar ao corrente.

Armando Veiga - não sei o que se passa com o teu mail, tentei já mais que uma vez enviar-te umas coisas engraçadas e não consigo fazê-lo com sucesso.

Algumas possíveis ajudas a dúvidas levantadas em mensagens trocadas e digo possíveis por eu também as ter sobre o que vou dizer; no verão (metropolitano) de 66 as guerras em Mueda faziam-se com os tais cerca de dezasseite especialistas (MMA 3 esp + 1 sarg para motores de combustão interna + 1 esp para helis, 2 Meteo, 2 Rtelegrafistas, 2 Cripto, 1 Mrádio, 1 Elect centrais, 1 Elect aviões, 1 Abast, 2 ou 3 M Arm e tenho a impressão que não havia nenhum MMT), 5 ou 6 pilotos, 2 ou 3 sold SG e um pelotão de PA. No total nem deviam chegar a 50 militares. Transportes terrestres; 1 Geep, 1 Unimog dos pequenos e uma Bedford e as protecções à descolagem e aterragem eram feitas com duas autometralhadoras ligeiras Mercedes a que nós chamávamos calhambeques.

Aviões; 4 ou 5 T6, 2 DO 27, 1 Auster e 2 Helis Allouette II (como os meios daquele tempo eram escassos), mas tudo era feito com muita dedicação e esforço, até para poder salvar a pele diga-se, com uma quase total ignorância política e isto para Portugal como dizia Salazar no seu slogan permanecer uno e indivisível.

Alguns camaradas falam numa metralhadora Bren, eu tenho a ideia que era Breda e se não estou em erro equipava os calhambeques. Em Mueda haviam umas metralhadoras pesadas MG42 para defesa do AM, (penso que usavam as mesmas munições das metralhadoras do T6) lembra-me de ouvir roncar uma para verificar se trabalhava correctamente, aquilo abriu brechas à frente do cano, na terra seca por detrás do paiol, que não era brincadeira nenhuma e metia muito respeito o seu matraquear. E ainda as antiaéreas, montadas naquela geringonça manual com rodas dentadas e que se faziam disparar com o pé, pois as mãos estavam ocupadas a fazer-la rodar na horizontal e na vertical. Não sei se a minha cabeça ainda se lembra bem destas coisas, mas vocês vão corrigir certamente.

O que interessa é manter a chama NANAMUE bem viva e actuante para a posterioridade, diga-se História, já que muita gente nem sabe que existiu uma guerra nos moldes da nossa.

Para terminar faz precisamente hoje, dia 13 de Maio, quarenta anos que regresssei de Moçambique num velho DC6 de passageiros, aterrando na Portela às 19:30, com tempo frio e ventoso tão diferente do calor africano dos últimos dois anos, mais o respectivo mata-bicho de alguns meses.

Um abraço a todos os NANAMUE's que a escrita já vai longa.

2772. **Xico Serra (3.ª/66)-Melec** - 2008-05-13 22:58:24

Boa Noite

Santos amigo, não há que desanimar. Mais a uns, um pouco menos a outros, numas alturas parece que tudo vai abaixo, noutras o ânimo reaparece. Ao fim e ao cabo é a nossa vida. Melhores dias virão. Também gostaria de ir a Beja, mas também não me é possível. E como ainda não fui a uma experiência dessas...

Ao Pereira Afonso, grato pela recordação dos efectivos de Mueda e não só. Em Outubro próximo também farei 40 anos que cheguei... mas a Nacala. O regresso a Portugal só em Janeiro de 71. Em Mueda só em Abril de 68 mais um. Estas pequenas estatísticas são uma preciosidade. Já anteriormente aqui o disse que estes pequenos nada são peças imprescindíveis para se perceber o que foi o dia a dia dos Nanamues. Do quotidiano de Nacala e Nampula também se deverá falar mais vezes, não só de Mueda. Sobre o calhambeque, sem confirmação disse que seria a Bren, mas agora acho que seria mesmo a Breda. Sobre o calhambeque e a sua Breda tenho um pequeno episódio, passado com o Pardal e o Noé em conjunto com os dois tripulantes dessa velha máquina. Estivemos os três no Alandroal e falámos disso. Já aqui desafiei o Noé, mas o rapaz ainda não se dignou botar faladura.- Oh amigo Noé, escreve pá.

Um abraço do X.Serra

SITE NA INTERNET

O Abdul prometeu e cumpriu.

Já temos um sítio na Internet para consulta de tantas coisas que nos são queridas.

Não guardes para amanhã o que vais gostar de ver hoje, por isso liga-te a:

www.esquadra503.com

NANAMUE NA INTERNET

Mais um trabalho enorme do Abdul Osman e aí temos o Nanamue com sítio na Internet, que deves visitar em www.nanamue.com. Vai ao nosso bocadinho e revive um pouco das nossas coisinhas boas e que estão sempre presente, só que às vezes não nos lembramos.

DESCONTOS PARA TI

A VD MÁQUINAS Rua Dr. José Leite Vasconcelos, 7 em Setúbal Tel. 265539380 Fax 265539389, em máquinas e ferramentas aumenta unicamente 5% ao preço de custo de grossista. Se a encomenda for para envio apenas tens de pagar mais os portes.

A PNEULINDA LDA. Av Carolina Michaelis 18 A em Linda a Velha. Tel. 214194404 Fax 214198765, em pneus de todas as marcas faz preço de custo. Se a encomenda for para envio apenas tens de pagar mais os portes.

A SAVAUTO Autos e acessórios usados Quinta do Carmo, 4 B em Sacavém Tel. 219416314 Tlm. 919354089 (Raul Silva – Acelera), faz desconto de 50% em peças usadas e preço especial em viaturas usadas. Se a encomenda for para envio apenas tens de pagar mais os portes.

A ALMAQUE LDA. Rua dos Três Concelhos 16 em Penalva 2835-613 Barreiro (do António Carapinha, MMT), Tel. 212138112 Fax 212131033 Tlm 966038794, comercializa: Empilhadores, Porta paletes e Máquinas industriais, fazendo o desconto de 3% em equipamentos novos e 10% nos usados.

NA ALM AUTOMATISMOS E PORTAS SECCIONADAS, com sede em Fuzeta 4730-461 VILA DE PRADO (do Álvaro Martins) Tel./Fax 253927453 Tlm 938350868 podes obter diversos descontos, de acordo com os serviços solicitados.

A FUTURISTA DE CASCAIS LDA (do António Garcia) Trata de toda a documentação de condutores e automóveis – Inspeções médicas – Av. República 1439 loja 5 Terraços da Parede 2775-275 Parede Tel./Fax 214574619.

CENTRO GRAFICO DE COIMBRA (José Gomes) Rua do Barreiro, 72 a 78 Vila Pouca de Cernache 3070-753 CERNACHE Tel./Fax 239947565 Tlm 964061497 cgrafico@sapo.pt – Produtos e equipamentos para industria gráfica – Tipografia /Offset / Serigrafia e Tampografia - faz 10% desconto nos produtos e 20% chapas. Se a encomenda for para envio apenas tens de pagar mais os portes.

Se a tua Firma pode colaborar em descontos para a rapaziada, coloca aqui o teu anuncio grátis, do qual todos ficaremos agradecidos.

**Redacção: Av. Carolina Michaelis 18 A 2795-048 Linda-a-velha
Tel. /Fax 214198765**